

Front Matter / Elementos Pré-textuais / Páginas Iniciais

Anita Helena Schlesener

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SCHLESENER, AH. *Grilhões invisíveis: as dimensões da ideologia, as condições de subalternidade e a educação em Gramsci* [online]. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2016, pp. 1-11. ISBN 978-85-7798-234-9. Available from: doi: [10.7476/9788577982349](https://doi.org/10.7476/9788577982349). Also available in ePUB from: <http://books.scielo.org/id/y3zhj/epub/Schlesener-9788577982349.epub>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Grilhões Invisíveis

As dimensões da ideologia,
as condições de subalternidade
e a educação em Gramsci

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA

REITOR	EDITORA UEPG
Carlos Luciano Sant'Ana Vargas	Lucia Cortes da Costa
VICE-REITORA	CONSELHO EDITORIAL
Gisele Alves de Sá Quimelli	Lucia Cortes da Costa (Presidente)
PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO	Augusta Pelinski Raiher
E ASSUNTOS CULTURAIS	Bruno Pedroso
Marilisa do Rocio Oliveira	Dircéia Moreira
	Ivo Mottin Demiate
	Jefferson Mainardes
	Jussara Ayres Bourguignon
	Marilisa do Rocio Oliveira
	Silvio Luiz Rutz da Silva

ANITA HELENA
SCHLESENER

Grilhões Invisíveis

As dimensões da ideologia,
as condições de subalternidade
e a educação em Gramsci

Editora
UEPG

Copyright © by Anita Helena Schlesener & Editora UEPG

Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da Editora, poderá ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Equipe Editorial

Coordenação editorial Lucia Cortes da Costa
Revisão ICQ Editora Gráfica
Capa Leonardo Schlesener
Diagramação e Projeto gráfico Marco Wrobel

Ficha Catalográfica elaborada pelo Setor de Tratamento da Informação BICEN/UEPG

G858g Schlesener, Anita Helena
Grilhões invisíveis: as dimensões da ideologia, as condições de subalternidade e a educação em Gramsci/ Anita Helena Schlesener. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2016.
196 p.
ISBN: 978-85-7798-208-0
1. Antonio Gramsci – Ideologia. 2. Antonio Gramsci – Hegemonia. 3. Lutas de classe. 4. Educação – história. I. Schlesener, Anita Helena (Org.). II. T.
CDD: 370.92

Depósito legal na Biblioteca Nacional

Editora filiada à **ABEU**
Associação Brasileira das Editoras Universitárias

Editora UEPG
Praça Santos Andrade, n. 1
84030-900 – Ponta Grossa – Paraná
Fone: (42) 3220-3306
e-mail: vendas.editora@uepg.br

2016

PREFÁCIO

Este livro de Anita Helena Schlesener mostra uma pesquisadora em plena maturidade da sua reflexão teórica. Anita tem livros importantes sobre Gramsci de Turim, textos que já nos fazem perceber como o pensamento de Gramsci agia com força no debate ideológico, na crítica radical da ordem social vigente na Itália e na Europa. Por sua vez, o livro que o leitor agora manuseia discute um tema crucial dentro do campo teórico/prático da tradição inaugurada por Karl Marx, a educação, mas traz a contribuição e mediação de Gramsci para pensar elementos de construção da hegemonia burguesa, como a linguagem e a própria educação. Mas a finalidade mesmo é abordar o tema difícil, mas essencial, de uma educação emancipatória para o mundo atual, um mundo inteiramente dominado pelo capital e que expõe sem qualquer pudor a sua horrível face da regressão cultural e da barbárie tecnológica e que mesmo assim mantem também o domínio ideológico.

Sabe-se que a educação é parte essencial da reprodução social e, por decorrência, é momento nodal para que se fechem os grilhões que definem a ordem social e que fazem com que essa ordem social pareça natural. São grilhões invisíveis, mas pesados, pois impossível dissociar a reprodução da vida material e a reprodução da consciência. O peso invisível e aparentemente natural e indiscutível encontra-se na dimensão da ideologia, que convence que a reprodução social da vida material é aquela que se apresenta e nenhuma outra.

Assim, a análise de Marx perfaz essencialmente a ideologia dominante, aquela que se exterioriza das relações sociais de produção, que garante o poder político de classe ao mesmo tempo em que submete as classes subordinadas. Nesse sentido, então, a ideologia só pode ter uma conotação negativa e que Marx via ser elaborada em institutos particulares como Igreja, escola, livros e jornais. Era expressão de uma falsa consciência somente porque ideologia que organiza a vida material que se funda na exploração do trabalho, no trabalho que se exterioriza e que se aliena num produto que não é do trabalhador nem da coletividade, que não é expressão de sua vitalidade. O trabalhador, assim alienado, não é capaz de erigir uma ideologia articulada e complexa, que seja científica. A ciência, em primeira instância é ideologia burguesa, pois se desenvolve segundo a visão ideológica do mundo e das necessidades materiais da sociedade burguesa.

Tempos depois, logo após a morte de Marx (1883), seu amigo e colaborador Engels acabou por fazer do marxismo a ideologia do movimento operário, uma concepção de ciência originada a partir da perspectiva do trabalho e da emancipação humana, mas usando uma linguagem diferenciada e própria. É assim que a noção de ideologia pode ganhar a sua conotação positiva e como tal foi fartamente utilizada por Lenin. Pode-se então observar que as duas perspectivas científicas e ideológicas são parte da luta de classes. Não que sejam duas “ciências” diferentes, como alguém poderia imaginar, mas a ciência é um produto social que avança por uma ou outra direção de acordo com as necessidades de produção da vida material e espiritual, de acordo com a correlação de forças na vida social.

Decerto que a ciência é apenas uma parte que pode organizar uma visão de mundo, pois que na ordem burguesa a sobrevivência da religião é indispensável para garantir a posição de subordinação de largas faixas das camadas populares, mas mesmo entre os intelectuais orgânicos da ordem dominante a religião sobrevive em formas variadas, desde sofisticadas concepções filosóficas até em religiões institucionalizadas. Mas o marxismo ou, melhor dizendo, a Filosofia da práxis, ao redefinir a sociabilidade do homem, que socialmente passa a ver o outro homem como ser genérico - igualmente livre e sujeito da sua própria liberdade - não pode observar os complexos ideológicos da ciência e da religião da época burguesa senão como óbices para a emancipação humana. Pode parecer estranha tal afirmativa, mas tem sido instrumentos de construção e preservação da ordem, ainda que a objetividade da ciência, por suposto, seja inegável.

Ao retomar de Marx a categoria de Filosofia da práxis como expressão teórico/prática do complexo ideológico da época burguesa, Gramsci elabora categorias correlatas como as de bloco histórico e hegemonia. O bloco histórico e a hegemonia burguesa tiveram o seu fundamento material deslindado por Marx ao captar o movimento contraditório do capital. Soube ele, desde logo, que o invólucro ideológico era essencial a esse movimento, pois era imprescindível que se crese que no mercado haveria uma troca de valores iguais, que no Estado estivesse representado o interesse público. Ademais, Marx, ao definir a práxis como chave da emancipação humana, indicava que na luta de classes se travava a disputa pela criação de uma nova sociabilidade, de uma forma inteiramente nova do homem social se relacionar com o mundo natural e se portar como espécie.

Em Gramsci observa-se um avanço significativo na reflexão teórica precisamente pela percepção da importância da noção de filosofia da práxis,

pela possibilidade de ser essa uma via para sugerir a importância da subjetividade, da vontade, na apreensão da realidade. Penso serem descabidas as suposições de um Gramsci filosoficamente idealista. Para Gramsci, a realidade do mundo só se demonstra na práxis, quando o conhecimento humano se apropria da materialidade do mundo, que obviamente precede a existência da consciência própria do homem. De modo algum isso pode significar que a realidade material do mundo depende da existência do homem.

Mas que relação pode isso tudo ter com a questão do domínio de classe e da ideologia? Em Gramsci, como antes dito, as categorias de bloco histórico e de hegemonia transcendem a noção de ideologia como antes posta por Marx e, de forma diferente, por Lenin. O bloco histórico constituído pelo movimento do capital no momento em que esse se apropria da produção e do conhecimento científico configura a hegemonia de classe da burguesia, a sua visão do mundo dos homens e das coisas. Essa visão se materializa em instituições sociais e políticas, em práticas e costumes, em modos de vida, em valores, em determinada ética, na linguagem e no Direito, que tende a se reproduzir com intensificação e extensão. Essa reprodução social que segue a reprodução ampliada do capital precisa de trabalhadores com perfil determinado pelo maquinário e de massa crescente de intelectuais orgânicos, a qual se diversifica de acordo com a necessidade da produção, mas também com as necessidades sempre mais complexas postas nas supraestruturas da sociedade civil. Essas são condições para que se consolide o bloco histórico da época burguesa e a hegemonia que lhe corresponde.

A reflexão de Gramsci nos Cadernos é sucedânea da derrota da revolução socialista internacional (1917-1921). Essa situação exigiu um direcionamento da filosofia da práxis diferente daqueles postos para Marx e Lenin (também Rosa Luxemburg). Não que Gramsci seja um pensador inteiramente novo, o que seria um completo absurdo, apenas que pensa na trilha aberta por outros em situação, essa sim nova, a qual lhe permite um salto de qualidade significativo.

A formação universitária de Gramsci em Linguística lhe possibilitou mais que outros se enveredar para a crítica da linguagem como ideologia, como forma específica de dominação de classe, como peça essencial da hegemonia. Assim a linguagem implica uma concepção de mundo, implica um conjunto simbólico. Mas a linguagem é essencialmente filosofia, história, política e economia, visto ser expressão de hegemonia que se manifesta no bloco histórico. Nota-se então a importância da abordagem, nesses termos, da linguagem como ideologia que se expressa na ciência e na educação.

Se a realidade efetiva assim se manifesta, tudo fica mais claro no enorme desafio que tem pela frente a processualidade que venha se direcionar para a emancipação do trabalho humano. Será preciso uma massa de intelectuais organicamente vinculados aos interesses históricos do mundo do trabalho, postados de modo antagônico ao mundo criado pela burguesia. Uma nova hegemonia exige a construção de uma nova linguagem científica, uma nova forma de se relacionar com o mundo externo, um novo conjunto de símbolos. De forma de dominação que é no mundo burguês, a ciência e a educação devem vir a ser formas de emancipação, de subversão da práxis.

O problema é que a hegemonia no bloco histórico que é a época burguesa, até por ser um movimento fundado na essência contraditória do capital, não pode exprimir uma filosofia, uma visão de mundo homogênea. Há o convívio, também esse contraditório, de concepções de mundo, desde aquela articulada e sistemática formulada pela intelectualidade da ordem, até outras fragmentárias e fragmentadas incorporadas pelos próprios dominantes, em termos de senso comum, e ainda aquelas difusas entre as classes subalternas. Nesse contexto é que se planta o ambiente material e cultural a partir do qual a nova hegemonia pode ser organizada.

O objetivo da reforma moral e intelectual, pressuposto da nova hegemonia, deve partir mais uma vez da verdade efetiva das coisas, quer dizer, da consciência e cultura dos subalternos. Em meio a essa não existe apenas passividade e submissão, há também contestação e rebeldia. É a partir desse viés que deve se desenvolver a organização e a consciência antagônica dos subalternos no caminho de uma nova hegemonia. A contestação e a rebeldia deve se educar e ser educada numa ação cultural/política persistente, que passará decerto por uma fase econômico-corporativa, mas que não é capaz ainda de conceber a hegemonia e o universo das supraestruturas complexas que a compõe. Esse processo se confunde com a elaboração de uma massa de intelectuais que emergem da própria classe que se constrói e por isso mesmo intelectuais orgânicos, no dizer de Gramsci. Claro que os grupos subalternos, no processo de se fazer classe e logo partido, ficam mais fortes e mais capazes de atraírem intelectuais originados em outros grupos sociais.

O Príncipe Moderno é assim o produto mais elevado de um processo longo por meio do qual o povo trabalhador se faz classe e se faz partido. Esse processo exige que em primeiro plano seja posta a questão da educação e da autoeducação, da organização e da auto-organização, da construção de um projeto coletivo de emancipação e de liberdade. Nesse processo também é que podem ser rompidos os grilhões invisíveis que mantêm a ordem burguesa

ainda viva e sempre mais agressiva e cruel na sua indispensável relação com os que trabalham e que socialmente produzem a riqueza material.

Basta por agora reafirmar a importante contribuição que esse livro de Anita Helena Schlesener oferece para essas preocupações sugeridas por Marx e por Gramsci. Devemos nunca esquecer, no entanto, que esse é um trabalho árduo e coletivo, mas que uma leitura atenta deste livro e de muitos outros é já de muita utilidade sempre que o conhecimento seja repassado a outros. Ao leitor, então, boa leitura, bom trabalho.

Marcos Del Roio

Unesp-FFC

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1 - ÀS MARGENS DA HISTÓRIA: HEGEMONIA E LUTA DE CLASSES	23
A hegemonia e suas condições históricas: a crítica gramsciana ao liberalismo	26
A função dos intelectuais na construção/manutenção da hegemonia	41
A hegemonia e a luta de classes: a possibilidade de violência insurrecional.....	48
Subversão da praxis x revolução passiva: a atualidade de Gramsci	55
CAPÍTULO 2 - AS DIMENSÕES DA IDEOLOGIA A PARTIR DA LEITURA	
GRAMSCIANA DE MARX	65
Notas sobre ideologia a partir de <i>A Ideologia Alemã</i>	70
A noção gramsciana de ideologia	74
A ideologia e a formação da subjetividade	84
Elevar as massas ao maior nível intelectual: a importância da educação	88
CAPÍTULO 3 - A LINGUAGEM EM SEU CONTEXTO HISTÓRICO E POLÍTICO	93
Breves observações sobre a questão da linguagem em Marx	96
“Esta mesa redonda é quadrada”: a questão da gramática	100
A dimensão simbólica no contexto das lutas de classes	109
A linguagem como metáfora e a afirmação da identidade dos subalternos	117
Linguagem, concepção de mundo: a formação dos subalternos	122

CAPÍTULO 4 - AS NOVAS CONDIÇÕES DE SUBALTERNIDADE	135
Explicitações filológicas quanto ao conceito subalternidade	137
A filosofia da praxis como a teoria dos grupos subalternos.....	143
A ampliação do uso do conceito de "subalterno" por tendências pós-modernas	146
CAPÍTULO 5 - A EDUCAÇÃO NO CONTEXTO DA HEGEMONIA, DA IDEOLOGIA E DA LINGUAGEM	151
A estrutura parlamentar na democracia burguesa e as políticas públicas educacionais	152
As formas de domínio que se efetivam pela educação	158
A noção gramsciana de ideologia e o discurso conservador	163
A educação como forma de emancipação para os trabalhadores	168
A educação escolar e a linguagem	172
CONSIDERAÇÕES FINAIS	179
REFERÊNCIAS	183